

MACABÉA: O CORPO QUE NÃO TRAGOU O SEIO MATERNO, PRISIONEIRO DA LINGUAGEM

Vanalucia Soares da Silveira (UFPB/IFPB)¹
Hermano de França Rodrigues (UFPB)²

Resumo: Ler *A Hora da Estrela* é, aparentemente, como fumar sem tragar, é estar diante de um cigarro a queimar-se sem que a fumaça seja inalada. E Macabéa seria uma ponta desse cigarro não tragado na boca do leitor. Nas mãos de um narrador onisciente seletivo e intruso, ela seria o incenso se apagando, embora em chamas; seria o cigarro com a outra ponta em cinzas. Macabéa seria um cigarro sem sabor, "não faz falta a ninguém" (LISPECTOR, 1998, p.14). Pois que Macabéa, por ser órfã, é a bebê que pode não ter tragado, de forma gratificante, as duas mães da infância - a mãe biológica e a tia - (teria sido tragada por elas?), e que, adulta, ainda é a mesma bebê não gratificada, e, por conseguinte, prisioneira da linguagem, ansiosa por devorar vorazmente o mundo. Nesse sentido, a protagonista demonstra-se fixada predominantemente na fase oral, no narcisismo primário, conforme atestam suas inscrições corporais voltadas ao desejo de esfoliar o seio materno. São sintomas desse adoecimento corporal sua compulsão alimentar, ou dependência pelo comer, introyecção dos impulsos destrutivos e negação do outro. Macabéa reverbera, em sua estrutura adulta, a precariedade de seu eu arcaico, pela estratégia da mímica, sendo que tal reverberação acontece sem movimento, de modo que a narrativa é menos rica em ações que em predicativos. Não obstante, predicativos para que significante? Haveria um sujeito para o verbo Ser em *A Hora da Estrela*? O objetivo desta pesquisa é tragar esse cigarro chamado Macabéa, mastigá-lo, através de um processo de regressão, que remonta à relação mais primitiva de todas, que é a sua relação com o seio materno, consoante pensamento kleiniano, para interpretar o corpo habitado pelas fantasias primordiais. Primeiro, analisar-se-á a falta da mãe genitora no processo de introdução da criança no mundo da linguagem, que é mediado, pela figura materna; depois, a educação sexual ensinada pela tia, seu segundo seio; a seguir, sua inserção na cultura pela mãe Rádio Relógio, e, por fim, sua relação de asseguramento com a cartomante, o seio bom. Para tanto, nosso aporte teórico fundamentar-se-á nos estudos de Klein (1996; 1974); Dolto (2015); Dolto e Nasio (2008), Freud (2016), Nasio (2010; 2008; 2007;1991), dentre outros. Destarte, esta análise visa a um trabalho metalinguístico, que se refere ao ato de "amamentar-se" da obra em estudo, de tragá-la, para discutir o processo de "amamentação" de Macabéa, o seu aprisionamento ao Imaginário e a sua ansiedade para ser.

Palavras-chave: Seio materno; Gratificação; Linguagem; Corpo

1 Introdução

Se "Tudo no mundo começou com um sim. Uma molécula disse sim a outra molécula e nasceu a vida." (LISPECTOR, 1998, p. 11), conforme a voz narrativa inicial de *A Hora da Estrela*, o que dizer de Macabéa, a quem o "não" esteve presente em sua vida

¹ Doutoranda em Letras, da UFPB; Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico, do IFPB. Contato: vanaluciaestudosliterarios@hotmail.com.

² Professor Adjunto III, de Literatura de Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, da UFPB. Contato: hermanorg@gmail.com.

desde os primórdios? Logo aos dois anos de idade tornara-se órfã de pai e mãe e ficara sob a tutela de uma tia religiosa, emblema de um corpo estruturado sob interditos e consorte de crenças, tendo como agravante o fato de ser filha do Sertão de Alagoas, nordestina "da gema", a disputar um lugar na civilização, Rio de Janeiro, já, pois, desprezada por ter como mãe-terra o Nordeste brasileiro. Nesse contexto, seria estranho Macabéa ser uma exceção desse mundo do "sim"? Mas ainda não fora dito que até o seu nome carrega semântica negativa, por ser resultado de pagamento de uma promessa à Nossa Senhora da Morte por ter resistido à castração umbilical. Desse modo, conforme questiona o narrador, "Antes de nascer ela era morta? E depois de nascer ela ia morrer?" (LISPECTOR, 1998, p. 28).

Macabéa persiste no campo isotópico da negação, através da voz de um narrador onisciente seletivo e intruso³, que opta menos por narrar ações que por atribuir predicativos à protagonista. Mas predicativos para que significante? Haveria um sujeito para o verbo Ser em *A Hora da Estrela*? Não obstante, vale ressaltar que essa estratégia estética não compromete a narrativa, haja vista tal opção servir para ratificar o efeito de sentido da novela, que é o de mostrar uma história sem movimento, desvitalizada, consoante o próprio corpo deserotizado da protagonista. Pela ótica freudiana, derivada dos estudos sobre histeria, [...] o corpo narra o que mostra (FERNANDES, 2011, p.43, grifo da autora) e, sendo assim, o corpo de Macabéa conta aquilo que exhibe: uma "[...] matéria opaca e por sua própria natureza desprezível por todos" (LISPECTOR, 1998, p. 16), incapaz de desejar, portanto, inerte, e, por sua vez, responsável pela inércia textual, pela falta de conflitos na narrativa, pelo ritmo descompassado e pela falta de melodia, o que aproxima Lispector do estilo realista de Machado de Assis: Macabéa reverbera, em sua estrutura adulta, a precariedade de seu eu arcaico, pela estratégia da mímica, por imitar os corpos aos quais está fusionada.

Se o narrador, impacientemente, protela o início dos fatos e uma vez introduzidos estacam-se os sintagmas verbais para dar lugar aos sintagmas nominais, com o fito de acusar a protagonista com adjetivos da ordem da negação, é devido à pobreza da história, à falta de literatura nos fatos a serem contados. Essa falta indicaria a ausência de poesia no

³ O narrador onisciente seletivo é aquele que não participa dos acontecimentos, contudo tem o saber onipotente sobre eles e age como procurador de um dos personagens, sob o recurso do discurso indireto livre. Já o intruso é aquele com a mesma onipotência e que se intromete na narrativa, tece comentários, julga discursos e ações dos personagens (FRIEDMAN, 2002, 178).

corpo de Macabéa, de vida, de sopro, de um "sim" que a autorizasse a ser ouro extraído do carvão, como diria o narrador Rodrigo S. M. O "sim" de que estamos falando refere-se à presença de uma figura materna para gratificar esse *infans*, de modo que ele se sentisse amado, integrado, e, por conseguinte, confiante para adentrar no Simbólico, no mundo da linguagem. Uma vez castrado, a imagem inconsciente inscrita no corpo de Macabéa aparece como o substrato de experiências emocionais mal simbolizadas, justamente por terem sido interditas. Essa imagem é a encarnação simbólica do sujeito deseante; diz respeito à síntese dos efeitos traumáticos anteriores a constituição do Eu, que, remontam, pois, a sensações erógenas arcaicas, às primeiras fantasias (DOLTO, 2015, p. 14-15).

Desse modo, Macabéa revela-se uma bebê que pode não ter tragado, de forma gratificante, as duas mães da infância - a mãe biológica e a tia - (teria sido tragada por elas?), e que, adulta, ainda é a mesma bebê não gratificada, e, por conseguinte, prisioneira da linguagem, ansiosa por devorar vorazmente o mundo. Nesse sentido, a protagonista demonstra-se fixada, predominantemente, na fase oral, no narcisismo primário, conforme atestam suas inscrições corporais voltadas ao desejo de esfoliar o seio materno. São sintomas desse adoecimento corporal sua compulsão alimentar, ou dependência pelo comer, introjeção dos impulsos destrutivos e negação do outro.

O objetivo desta pesquisa é tragar esse cigarro chamado Macabéa, mastigá-lo, através de um processo de regressão, que remonta à relação mais primitiva de todas, que é a sua relação com o seio materno, consoante pensamento kleiniano, para interpretar o corpo habitado pelas fantasias primordiais. Primeiro, analisar-se-á a falta da mãe genitora no processo de introdução da criança no mundo da linguagem, que é mediado, pela figura materna; depois, a educação sexual ensinada pela tia, seu segundo seio; a seguir, sua inserção na cultura pela mãe Rádio Relógio, e, por fim, sua relação de asseguramento com a cartomante, o seio bom. Para tanto, nosso aporte teórico fundamentar-se-á nos estudos de Klein (1996; 1974); Dolto (2015); Dolto e Nasio (2008), Freud (2016), Nasio (2010; 2008; 2007; 1991), dentre outros. Destarte, esta análise visa a um trabalho metalinguístico, que se refere ao ato de "amamentar-se" da obra em estudo, de tragá-la, para discutir o processo de "amamentação" de Macabéa, o seu aprisionamento ao Imaginário e a sua ansiedade para ser.

2 A imagem inconsciente do corpo de Macabéa: imagens dos seios maternos

Se o corpo da novela *A Hora da Estrela* está analogicamente relacionado com o corpo de Macabéa, convém agora um posicionamento sobre que corpo será aqui discutido. Uma análise etimológica mostra que o léxico corpo é dotado de ambivalência, por abrigar, ao mesmo tempo, sentidos opostos: em latim, *corpus*, *corporis*, significa cadáver, corpo morto; por sua vez, no grego clássico, *soma*, designa matéria corporal, em oposição ao que é incorpóreo (WINOGRAD, 2016, p.233). Quando se diz que o corpo evoca, paradoxalmente, vida e morte, lança-se a pressuposição de que esse corpo não é só natureza, mas também expressão, a saber, é tanto esquema biológico quanto linguagem (WINOGRAD, 2016, p. 233-247). Portanto, é o lugar da dramatização do sofrimento psíquico: o corpo metaforizado na linguagem denuncia sua pré-história intersubjetiva, apresenta-se como palco dos investimentos do adulto sobre o corpo da criança que marcará a vida psíquica e solicitará um imaginário atravessado por essa experiência relacional (BRASIL; MARTINS. 2016, p. 173).

O corpo pensado enquanto linguagem também deixa pressuposta a ideia de que carrega várias imagens e que elas estão do lado do desejo (DOLTO, 2015). Enquanto natureza é unívoco, mas enquanto representação é múltiplo, pois um mesmo esquema corporal pode habitar imagens diferentes, quando comportam desejos fusionais (MCDUGALL, 2001, p.10). Para Dolto (2015, p.14), o esquema corporal é o mesmo para todos os indivíduos da espécie humana, é o “intérprete ativo ou passivo da imagem”, ou seja, o suporte das representações intersubjetivas, das nossas experiências emocionais, das construções inconscientes, simbólicas, que seriam as imagens do corpo. Para a psicanalista, o esquema corporal é o conjunto carnal que evolui no tempo e no espaço e responde a experiências imediatas; é consciente, pré-consciente e inconsciente. Já a imagem do corpo, apenas inconsciente, responde a experiências mediadas, constitui o meio; constrói-se na relação dinâmica com o outro; “[...] *reporta o sujeito do desejo a seu gozar, mediatizado pela linguagem memorizada da comunicação entre sujeitos.*” (grifo da autora) (DOLTO, 2015, p. 15). A imagem é uma construção discursiva, um substrato simbólico, da ordem do desejo, portanto, revela uma falta de ser. Seu lugar de representação é o esquema corporal. Isso significa dizer que o corpo fala por si só, é espaço da simbolização (FERNANDES, 2011, p. 51); O corpo é portador de sentidos, de memórias, de desejos reprimidos.

Quanto ao corpo de Macabéa, poderíamos dizer: "Comer a hóstia seria sentir o inosso do mundo e banhar-se no não" (LISPECTOR, 1998, p. 19). E pode ser que "[...] se eu tocar no pão da moça esse pão se tornará em ouro [...]" (LISPECTOR, 1998, p.15). Pela voz narrativa, Macabéa seria um corpo sagrado, contudo, não seria um corpo vivo, o sal do mundo, o pão da partilha e da multiplicação, da saciedade⁴, pois ela sequer existia, era só subtração. Se o pão do cristianismo é fermento, é por ser água-viva, por não se banhar no não, mas no sim, que significa a internalização dos objetos bons, da amamentação bem gratificada. Consoante ótica kleiniana, a gratidão está intimamente ligada à generosidade: o bebê bem gratificado elaborou um seio materno infinito de bondade e, portanto, tornar-se-á uma fonte inesgotável de amor:

A riqueza interna deriva de haver-se assimilado o objeto bom, de sorte que o indivíduo se torna capaz de partilhar seus dons com outros [...] Em contraste, nas pessoas em que esta sensação de riqueza e fortalecimento internos não se acha suficientemente estabelecida, os ímpetos de generosidade são amiúde seguidos por uma necessidade exagerada de apreciação e gratidão, e, conseqüentemente, por ansiedades persecutórias de haverem sido empobrecidas e roubadas (KLEIN, 1974, p. 48).

Se Macabéa fora privada do seio materno biológico tão cedo, certamente não fora uma bebê bem gratificada e, portanto, faltara-lhe a integração, a saber, o objeto bom não fora fortemente enraizado, de modo que lhe desse condições de estruturar seu ego e, assim, se tornasse capaz de compreender o mundo cindido: uma parte má, outra parte boa, mas ambas súditas de um eu firme, forte para administrar suas emoções.

É possível extrair do corpo de Macabéa a interpretação de seus ímpetos vorazes de fome, quando se observa o seu impulso alimentar, a sua ânsia por devorar, por comer, por tragar compulsivamente. E isso pode estar estreitamente relacionado com a sua insaciável ou insuficiente amamentação, ou seja, com as relações intersíquicas primordiais entre a lactante e a bebê. Pode ser que o seio materno não tenha sido sugado completamente e os impulsos de destruição, que, primeiramente, eram para ser projetados no primeiro objeto amado, a mãe, durante a posição esquizo-paranoide, para depois serem reparados, posição depressiva, sofreram processo inverso: foram introjetados, provavelmente pela incompletude da maternagem, o que resultou na interrupção ou suspensão da elaboração do

⁴ Cf. Jo 6, 44-51, Bíblia Sagrada (1991).

ego. O lugar subjetivo de Macabéa permaneceu sendo o da primeira angústia: o de um mundo cindido, regido mais por elementos persecutórios, sendo que, em suas fantasias, ela mesma pode ter criado uma imagem negativa de si, por exemplo, de uma pessoa sem merecimento de amor, já que dela lhe fora tirado a sua fonte inexaurível de bondade aos dois anos de idade. Por outro lado, sua reserva, pode ser compreendida como forma de preservar o objeto bom internalizado, mesmo não sendo o da realidade, mas o das suas idealizações e, desse modo, ela estaria na posição depressiva, pois nesse tipo de angústia "o lactente tem medo sobretudo de que seu ódio e suas pulsões destrutivas aniquilem o objeto que ele ama e do qual depende totalmente" (QUINODOZ, 1993, p. 75).

Para Melaine Klein (1974, p. 56), "A pessoa primeiramente idealizada é amiúde sentida como perseguidora [...] e nela é projetada a atitude invejosa e crítica do indivíduo." Sendo a mãe esse primeiro objeto internalizado e ao mesmo tempo desejado e odiado, a idealização ocorre como defesa contra a inveja, por ser uma forma de diminuir a culpa e preservar a mãe (KLEIN, 1974, p. 100). Isso porque a inveja expressaria o desejo de "possuir ou espoliar os [atributos] do genitor do mesmo sexo" (KLEIN, 1974, p.72). A culpa estaria ligada ao sentimento de amor e seria uma consequência corretora do prazer obtido pela destruição da figura amada, pelo triunfo da agressividade sobre o objeto duplamente internalizado como ódio e amor. Desse modo, preservar o objeto amado no campo das idealizações e suas reminiscências pelo sentimento da culpa ressaltaria o ódio inconsciente voltado a esse objeto (KLEIN, 1974, p. 100). O ódio designaria justamente a frustração pelo seio materno, pois

"Quando o bebê se sente frustrado no seio, na sua fantasia ele ataca esse seio; mas se está sendo gratificado, ele passa a amá-lo e tem fantasias agradáveis a respeito desse objeto. Nas suas fantasias agressivas, ele deseja morder e despedaçar a mãe e seus seios, além de destruí-la de outras maneiras." (KLEIN, 1937, p. 349).

Está óbvio que Macabéa fora mal gratificada e ela idealiza um seio bom, porque a adulta nos predicativos da voz narrativa é uma criança faminta, ansiosa por devorar, por engolir, por sugar o fluxo ilimitado de leite e amor das tetas maternas. E disso podemos inferir que a sua inveja pela mãe pode ter sido excessiva, pois seu sentimento de frustração e ódio denuncia uma relação perturbada com mãe e "[...] indica que as características paranóides [*sic*] e esquizóides [*sic*] são anormalmente intensas e que tal bebê deve ser considerado como enfermo" (KLEIN, 1974, p. 37). Percebemos esse adoecimento pelas

subversões somáticas de Macabéa, centralizadas no *cávum* bucal, que vem a substituir o seio e que mostram a *infans* lá na fase oral.

Macabéa ama goibada com queijo, sobremesa predileta; dorme de boca aberta (LISPECTOR, 1998, p. 24) e "Às vezes antes de dormir sentia fome e ficava meio alucinada pensando em coxa de vaca. O remédio era então mastigar papel bem mastigadinho e engolir". Também "[...] a moça às vezes comia num botequim ovo duro [...]" (LISPECTOR, 1998, p. 34). No entanto, o que comia mesmo era cachorro-quente e raramente sanduíche de mortadela. A bebida era café e refrigerante (coca-cola de preferência) (LISPECTOR, 1998, p. 67). Sentia saudade da farofa seca que comia quando pequena. É verdade que sua má alimentação era em parte responsável por "seu corpo cariado", mas é mais convincente considerar que a real causa de sua pobreza corporal seria a sua má alimentação psíquica, cuja manifestação agressiva centraliza-se nos lábios. Para Dolto e Nasio (2008, p. 12), "Uma imagem é lida em uma parte dolorida do corpo; é nesse ponto que estou. O lugar doloroso de alguém, eis onde situa o sujeito que protege a articulação com seu eu." Mas o que dizer de Macabéa, que se dói inteira e o tempo todo? É importante lembrar aqui de seu vício por tomar aspirina para não se doer. Ora, de acordo com Melaine Klein, as relações primordiais são determinantes no adulto futuro, e eis porque Macabéa se dói completamente: não tendo sido saciada suficientemente é claro que seu corpo todo resvalaria falta de vida, adoecimento, carência afetiva, inclusive ausência de atributos femininos, por apresentar uma forma reta, similar a de um corpo masculino.

Não obstante, ao lado desses impulsos agressivos, há uma preocupação, na verdade, medo⁵, para não ferir o outro, para não contrariá-lo, e uma maneira de escapar de situações desses tipos seria resguardar-se em seu mundo interior, isolar-se, afastar-se do objeto amado (KLEIN, 1937, p. 362). Assim, no campo das relações subjetivas, as consequências seriam substancialmente negativas, haja vista as dificuldades de expressão das emoções, do contato com as pessoas ditas amadas, o abandono do mundo externo. Haveria um deslocamento do amor para outros interesses, inclusive objetos inumanos (KLEIN, 1937, p. 362-363). Macabéa interessa-se por bichos, "Mas a tia achava que ter um bicho era mais uma boca para comer" (LISPECTOR, 1998, p. 29). Um bicho, por outro lado, seria mais

⁵ O medo é característico da posição esquizo-paranoide, onde o bebê se sente pedaço, por acreditar ser parte integrante da mãe, não ser separado dela e, portanto, um só, não existindo alteridade. O medo consiste na paranoia de ser destruído por aquele que anseia destruir, que seria a mãe, conforme lógica da Lei do Talião: olho por olho, dente por dente, relação recíproca entre crime e pena (KLEIN, 1996).

uma boca a disputar com Macabéa o esvaziamento do seio materno, o seu segundo seio como veremos, a seguir.

Macabéa interessa-se até por prego e parafuso (LISPECTOR, 1998, p. 44), os quais revelam também o seu estado profundo de melancolia, pois o melancólico sente-se justamente assim: peças pequenas e soltas, sem valor, figuras que se autoacusam de desprezíveis, que têm medo de causar dano ao outro, por se acharem um perigo para esse outro. Elas são masoquistas e sua estrutura é formalista: as peças se arranjam, são coesas, mas não tem coerência, exatamente como a coisa perdida que se mantém inominável: o que se perdeu não se sabe (LAMBOTE, 1997). O melancólico aponta em direção a um colo ausente, em débito com o bebê, ao se mostrar uma armadura frágil, inferior a todos que orbitam em sua volta, vivendo, portanto, um complexo de inferioridade (KLEIN, 1937, p. 350). Não obstante, a personagem encontrava na realidade um agravo para o seu estado, já que "[...] vivia numa sociedade técnica onde ela era um parafuso dispensável" (LISPECTOR, 1998, p. 29).

Mas Macabéa é indiferente a essa sociedade:

[...] era incompetente para a vida. Faltava-lhe o jeito de se ajeitar. Só vagamente tomava conhecimento da espécie de ausência que tinha de si em si mesma. Se fosse criatura que se exprimisse diria: o mundo é fora de mim, eu sou fora de mim (LISPECTOR, 1998, p. 24).

Notamos um luto infundável na protagonista de *A Hora da Estrela* (1998). Ela era "Vazia, vazia" (LISPECTOR, 1998, p.62), tão vazia quanto sua fascinação por buraco, por ter "um poço com cacimba e tudo. Era bom olhar para dentro. Então seu ideal se transforma nisso: em vir a ter um poço só para ela" (LISPECTOR, 1998, p. 49). Esse desejo maníaco e retrovisor, porque olhar para o fundo de um buraco seria olhar para trás, atravessar um grande labirinto, para saber onde se forma esse buraco, o limiar de sua existência, por traduzir ao mesmo tempo presença e ausência, numa dialética suplementar, (cf. DERRIDA, 2002, p. 78-79) , seria uma busca de encontro consigo mesma, com suas origens para sempre perdidas, com a Coisa (cf. FREUD, 2010; KRISTEVA, 1989). É que Macabéa "[...] era fruto do cruzamento de 'o quê' com 'o quê'. Na verdade ela parecia ter nascido de uma ideia vaga qualquer dos pais famintos" (LISPECTOR, 1998, p. 58). Se os pais já dizem muito do destino do filho, nesta "clínica" a pessoa a ser tratada seria só reigente de uma família (DOLTO, 2015, p.24). Portanto, o complexo de inferioridade que

arrasta "sua coisinha engraçadinha"/"Vocezinha"/"Benzinho"/"Enjeitadinha"-predicativos empregados pelo "seio bom" de Macabéa, a cartomante - para o Nada, para a linguagem das "desculpas", para o "[...] coitado implícito dessa moça." (LISPECTOR, 1998, p. 47), somente acusa-lhe a falta de antecedentes de carinho, de cuidado, de asseguramento materno. Em tal acusação não está exclusiva a tia, que assumira a tutela maternal da menina quando ficara órfã.

Se a mãe biológica pode ter sido a principal causa do retraimento de Macabéa, a negação, como outra forma de defesa da angústia de separação, pode ter sido decorrente da má educação sexual que a tia lhe ensinara, por estar sempre a privá-la de sentir prazer assim como outrora fora. A sua pele deserotizada passa a recobrir Macabéa, como se estivesse a transmitir uma doença de pele, na verdade, doença psíquica inscrita na pele. Não seria gratuita, nesse caso, a colocação de seu namorado Olímpico de Jesus, quando Macabéa anuncia seu nome e ele lhe diz: "Me desculpe mas até parece doença, doença de pele" (LISPECTOR, 1998, p. 41). Ou seja: o Ideal do eu sobrepõe-se ao eu ideal. Macabéa não é. Parte de si é o espelho da mãe genitora e outra parte, o espelho de sua segunda figura materna. A sensação que temos é que tal casaco a vestir "o corpo cariado de Macabéa" (LISPECTOR, 1998, p. 35) chega a apertar um pouco a adulta que nele vive: "A mulherice só lhe nasceria tarde porque até no capim vagabundo há desejo de sol" (LISPECTOR, 1998, p. 28). Ora, a voz narrativa deixa claro no seu enredo que é possível extrair do carvão ouro.

Essa tia era uma beata carrasca assim como a Dona Inácia do conto "Negrinha", de Monteiro Lobato (), pois maltratava Macabéa do mesmo modo que aquela maltratava Negrinha: impondo-lhe castigos, privando-a de divertimentos e até espancando-a, sendo que, para ambas, o gozo ideal era dar cocres no alto da cabeça. Não seria fortuito lembrar aqui que a cabeça simboliza falo e, sendo que ele está sendo destruído, pode indicar o desejo dessas mulheres de possuí-lo. Essa tia "que não se casara por nojo" (LISPECTOR, 1998), sente-se no dever de proteger a sobrinha do mundo da prostituição e, para tanto, devia desde cedo amputar-lhe voos sensuais, começando pela castração oral. Não obstante, esse excesso de responsabilidade não seria mais que um efeito de um trauma psíquico, pois "O nojo corresponde ao sintoma de repressão da zona erógena dos lábios" [...] que remete

ao hábito infantil de chupar (FREUD, 2017, p. 203). A sensação de horror, mesma sensação que Dora⁶ sente, seria uma manifestação afetiva da vida sexual da tia:

A sensação de nojo parece ser, originalmente, a reação ao cheiro (depois também à vista) dos excrementos. Mas os genitais - em especial o membro masculino - podem lembrar as funções excrementícias, pois o órgão, além da função sexual, serve também à da micção (FREUD, 2016, p. 204).

O Pai da Psicanálise não situa, pois, a origem do nojo ao período sexual, mas à fase pré-edípica, comungando, portanto, com o pensamento kleiniano de que defesas de natureza destrutiva remontam às primeiras relações entre mãe e bebê. Excrementar seria expulsar a mãe má, jogar fora sentimentos arcaicos de ódio e vingança contra ela, sentimentos com os quais a criança não conseguiu lidar satisfatoriamente durante a amamentação.

A projeção dos efeitos traumáticos da tia na sobrinha trouxe complicações sérias para esta. Ao ser privada de investimentos libidinais, acabara se tornando uma mulher de "pequenos óvulos tão murchos", com "medo de pegar doença ruim lá embaixo dela" (LISPECTOR, 1998, p. 33). O corpo desorganizado de Macabéa seria nada mais que um espelho da sua segunda figura maternal, retrato de uma vida impregnada no Imaginário, nas primeiras fantasias, uma vez que não lhe fora dado condições de ter acesso ao Simbólico, à Cultura. A criança Macabéa desinvestida de amor, sem bola e sem boneca, ou seja, a menina sem infância divertida, privada de manipular objetos e de projetar seus impulsos destrutivos, bem como de desenvolver suas habilidades sensorial-motoras, em conflito com suas pulsões sexuais, impossibilitada de fantasiar situações eróticas, tornar-se-ia a adulta reprimida, frágil, sonhadora, destituída de atributos de feminilidade, resumindo: um corpo limitado de linguagem.

Ora, se a mãe é a responsável por introduzir o *infans* no mundo da linguagem, como pensam Klein (1974) e Dolto (2015), está bem claro, até aqui, que Macabéa fora privada desse leite. Mas até que ela tenta compensar essa falta, quando busca na Rádio Relógio, um terceiro colo materno. De fato, é esta quem exercerá a maternagem na vida da jovem criança, ao integrá-la através de seus anúncios e notícias, que despertavam inquietações e questionamentos na ouvinte. Mesmo sendo uma integração insuficiente, pois Macabéa é

⁶ Dora fora uma menina histérica atendida por Freud, cujo quadro clínico é apresentado em "Análise fragmentária de uma histeria: ("o caso Dora", 1905 [1901]) (FREUD, 2017, p. 173-320).

mais um receptora do que mesmo uma interlocutora (não esqueçamos que estar diante da mídia é estarmos diante do discurso da informação, da linguagem dos efeitos de poder, sob a máscara do saber⁷), a rádio busca incluir Macabéa no mundo, mundo da modernidade, da "civilização", da velocidade, mas ela não consegue alçar o discurso do externo, porque "[...] ela era só ela" (LISPECTOR, 1998, p. 47). "Apesar de ser uma vítima geral do mundo, tinha [...] dentro de si a dura semente do mal, gostava de se vingar, este era o seu grande prazer e o que lhe dava força de vida." (LISPECTOR, 1998, p. 47). Macabéa inconscientemente estagnou-se na infância, fusionada a corpos que não a pertenciam, da genitora e da mãe, e ficara presa às fantasias esquizo-paranoides.

Mas Macabéa sente que encontrara definitivamente seu seio bom quando vai à cartomante, e Carlota, assemelhando-se à atitude de uma mãe boa, pelo regresso aos primórdios de sua *infans*, atende aos seus ímpetos vorazes de saciedade, enchendo-o de amor, cuidado e palavras acolhedoras. Pela primeira vez, Macabéa comunica-se verdadeiramente com o mundo externo, perde o medo de falar, torna-se "Uma pessoa grávida de futuro" (LISPECTOR, 1998, p. 79), dá um sentido para os pedaços que rasgam sua pele, ela se torna "eu". Numa cena análoga a de uma análise, a paciente "mudada por palavras" (LISPECTOR, 1998, p. 79), sente-se gratificada e autorizada a desejar:

Num súbito ímpeto (explosão) de vivo impulso, entre feroz e desajeitada, deu um estalado beijo no rosto da madama. E sentiu de novo que sua vida já estava melhorando ali mesmo: pois era bom beijar. Quando ela era pequena, como não tinha a quem beijar, beijava a parede. Ao acariciar ela se acariciava a si própria (LISPECTOR, 1998, p. 79).

O beijo súbito sela a resolução dos abalos psíquicos de Macabéa e o seu "sim" à vida, numa atitude análoga a do nascimento: Macabéa é beijada por palavras pela "mãe" e responde ao beijo com seu corpo, agora habitado de linguagem. Ela sente possuir o falo, que, na fase pré-edipiana, é a mãe (NASIO, 2007, p. 49). As reivindicações à mãe são atendidas, já não se sente humilhada e ferida, autovítima. O amor próprio é devolvido, e, agora que teve a mãe e abriu espaço para desejar o Pai, é possível ser mulher. Aquele corpo morto-vivo, sem sepultura, que não podia sequer morrer, porque já era indestrutível (NASIO, 2010, p.174), porque no seio de seu oceano letal fora para sempre abandonada dentro de si, e portanto, jamais poderia se matar fora de si (KRISTEVA, 1989, p. 34) é

⁷ Cf. (CHARAUDEAU, 2009)

ressuscitado para desmoronar de novo. É que Macabéa tão logo recebera a sentença de vida, fora surpreendida com a sentença da morte. Mas só nesse momento é que ela, de fato, nasce, porque o golpe fatal leva o sujeito ao encontro consigo mesmo, porque ele são "núpcias definitivas da Morte com a Mesma, que ela não matou" (KRISTEVA, 1998, p. 35). Não se mata o que inconscientemente está morto.

Considerações Finais

Se a mãe exerce o poder magno da linguagem e disso depende a constituição do sujeito; se o leite do amor é a substância vital; se o desejo é encorajado pelos investimentos libidinais maternos, está claro que Macabéa estaria condenada a não ser, conforme narra o seu corpo. Mas se seu corpo narra, não seria linguagem? Sim, mas esse corpo não narraria a sua linguagem, a linguagem de Macabéa, mas a dos corpos a quem sempre estivera fusionada, que sufocaram a sua existência, que não lhe delivraram simbolização. Ela não chega a desejar, e o motor da vida é o desejo. Portanto, ela não é.

Referências

BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: Paulus, 1991.

BRASIL, K. T. ; MARTINS, F. M. C. Entrelaçamentos Psíquicos e Corporais na Psicossomática. In: NOVAES, J. V.; VILHENA, J. (orgs.) **Que Corpo é este que sempre anda comigo?** : corpo, imagem e sofrimento psíquico. Curitiba: Appris, 2016.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das Mídias**. Trad. Ângela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2009.

DERRIDA, J. Plato's Pharmacy. In: **Dissemination**. Trad. Barbara Johnson. Chicago: The University of Chicago, 1981. p. 61- 171.

DOLTO, F. **A imagem inconsciente do corpo**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DOLTO, F. ;NASIO, J.D. **A criança do Espelho**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2008.

FERNANDES, M. H. **Corpo**: Clínica Psicanalítica. 4. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

FREUD, S. **Obras Completas, volume 6: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905)**. Trad. Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

_____. **Luto e Melancolia (1917[1915])**. In: **Obras Completas - v. 12**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FRIEDMAN, N. **O ponto de vista na ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico**. Trad. Fábio Fonseca de Melo. Revista USP, n 53. Março/maio 2002. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/53/15-norman-2.pdf>>. Acesso em: 16 out.2013.

KLEIN, M. Amor, Culpa e Reparação. In: **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Inveja e Gratidão**. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

KRISTEVA, J. Sol Negro - **Depressão e Melancolia**. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

LISPECTOR, C. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LAMBOTE, M.C. **O Discurso Melancólico**. Trad. Sandra Regina Felgueiras. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1997.

LOBATO, M. **Negrinha**. Disponível em: <<http://dynamicon.com.br/wp-content/uploads/2017/02/Negrinha-de-Monteiro-Lobato.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

MCDUGALL, J. Um corpo para dois. In: **Corpo e História**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

NASIO, J. -D (org.). **O Silêncio na Psicanálise**. Trad. Marta Prada e Silva. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

QUINODOZ, J. M. O ponto de vista de Melaine Klein e seus seguidores sobre a angústia de separação e de perda de objeto. In: **A solidão domesticada - a angústia de separação em psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

WINOGRAD, M. Corpo: natureza e expressão. In: NOVAES, J. V. VILHENA, J. **Que corpo é este que anda sempre comigo? Corpo, imagem e sofrimento psíquico**. Curitiba: Appris, 2016.